

A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA PARA O RECONDICIONAMENTO DA DIPLOMACIA INSTITUCIONAL EM RISCO

Data de aceite: 02/06/2023

Suelen Romani

(IC)

Apoio: PIBIC Mackenzie

Roberto Gondo Macedo

(Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO: Para entender a relação entre o jornalismo e as relações internacionais, este artigo analisa a importância da comunicação institucional para a diplomacia brasileira dentro do contexto global. Considerando as tradições diplomáticas mediadoras do Brasil, o mandato do atual presidente Jair Bolsonaro modificou alguns aspectos importantes, principalmente no que diz respeito ao direcionamento de sua política interna, o que repercute nas relações internacionais. O jornalismo, um dos pilares fundamentais para a preservação da democracia, ora corrobora com a informação, outrora com a disseminação de discursos de líderes populistas como Bolsonaro e Trump, sendo usado até mesmo como marketing gratuito. O objetivo deste trabalho é investigar como a mídia reportou os discursos de Jair Bolsonaro durante quatro eventos específicos de seu mandato, e os impactos

dessas declarações na tradição diplomática brasileira. Por meio de revisão bibliográfica e documental, constatou-se semelhanças e dessemelhanças nas reportagens dos periódicos analisados: *Folha de S.Paulo* e *The New York Times* de 2019 a 2022. Pode-se concluir que a comunicação institucional tem, de fato, um papel relevante no que diz respeito às relações internacionais e que a mídia é uma catalizadora na relevância dessa informação, amplificando o curso da comunicação institucional.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, Diplomacia, Comunicação.

ABSTRACT: This article analyzes the relationship between journalism and foreign affairs and the importance of institutional communication for Brazilian diplomacy within the global context. Considering Brazil's mediating diplomatic traditions, the current president Jair Bolsonaro's mandate has changed some important aspects, especially regarding the direction of his domestic policy, which has repercussions on international relations. Journalism is one of the fundamental pillars for the preservation of democracy, at times it collaborates with information, and at other times the dissemination of speeches by populist

leaders such as Bolsonaro and Trump, resulting in its use as free marketing. The objective of this paper is to investigate how the media reported Jair Bolsonaro's speeches during four specific events of his mandate and the impacts of these statements on the Brazilian diplomatic tradition. By means of literature and documental review, similarities and dissimilarities were found in the reports of the analyzed periodicals: *Folha de S.Paulo* and *The New York Times* from 2019 to 2022. We concluded that institutional communication has, in fact, a relevant role when it comes to international relations and that the media is a catalyst in the relevance of this information, amplifying the course of institutional communication.

KEYWORDS: Journalism, Diplomacy, Communication.

1 | INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia de Covid-19 que assolou o mundo e gerou uma crise de saúde pública global, acarretando consequências econômicas, sociais e políticas. Para o Brasil, não foi diferente, pois no auge da pandemia, que coincidiu com o segundo ano de mandato do presidente Jair Bolsonaro, viu-se um país assolado pelo vírus, negligenciado pelo governo que minimizava a contaminação, e desmoralizado pela desinformação promovida de modo intensificado por interlocutores públicos, que ocasionou na quebra da tradição mediadora da diplomacia brasileira.

A orientação internacional do governo de Bolsonaro, no início de seu mandato, se mostrou internalizada e centralizada em três grupos distintos, dentre eles “o círculo mais íntimo que exerce ascendência na área internacional e é composto pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) e Filipe Martins, assessor internacional do PSL”, responsáveis pela campanha do embaixador Ernesto Araújo para o cargo das Relações Exteriores, o qual foi nomeado no início do mandato (SPEKTOR, 2018, p. 330). No mundo democrático, portanto no Brasil:

“[...] o Ministro das relações Exteriores não tem as atividades restritas ao papel de negociador. Ele precisa ser um comunicador-pedagogo que, de maneira sistemática, hierarquiza os fatos e eventos e explica o porquê das ações de política externa. Uma das suas responsabilidades é, ao esclarecer a opinião pública, diferenciar as tendências dos modismos passageiros” (LAFER, 2018, p. 103).

A execução da política externa pelo então Ministro Ernesto de Araújo frente a pandemia de Covid-19 se caracterizou pela “ausência de liderança” e “falta de coordenação” (DALDEGAN; SOUSA, 2021, p. 223). Num artigo publicado no portal Metapolítica Araújo (2020, n.p.) se refere ao Covid-19 como “comunavírus”, argumentando que essa seria mais uma “histeria política” do que uma crise real, a qual ele chamou de “covidismo”:

Chegou o Comunavírus. É o que mostra Slavoj Žižek, um dos principais teóricos marxistas da atualidade, em seu livreto “Vírus”, recém-publicado na Itália. Žižek revela aquilo que os marxistas há trinta anos escondem: o globalismo substitui o socialismo como estágio preparatório ao comunismo. A pandemia do coronavírus representa, para ele, uma imensa oportunidade de

construir uma ordem mundial sem nações e sem liberdade.

Assim, com as dificuldades da política externa correlacionadas a um cenário doméstico que projetava fragilidade, sem medidas de contenção, imunização e prevenção, em um país do tamanho do Brasil, a pandemia não poderia ser controlada a nível global e, diante disso, “um país que já foi admirado por seu sistema de saúde responsivo e sua diplomacia de saúde, torna-se um pária pandêmico” (OSBORN, 2020, n.p.). Segundo Cristina Soreanu Pecequilo (2012), nas relações internacionais, as políticas e as estratégias elaboradas são determinadas pelo Estado, ou seja, parte do princípio de uma visão que abrange o interesse nacional, o que não exime as mudanças governamentais e as transformações internacionais no processo de definição de políticas, mas que transforma a opinião pública nacional em opinião pública internacional, conhecida como Força Transnacional, envolvendo governo, opiniões públicas nacionais e grupos ideológicos, porém:

“Por não ter uma visão clara do cenário, a população deixa-se guiar pela mídia que molda então sua opinião de acordo com os seus interesses. O grande número de causas e de grupos antagônicos dentro dos países levam a disputas e conflitos, desviando-se de seus objetivos e dificultando assim a sua união em torno de uma única causa. Diante desse quadro, não podemos defini-la como um ator autônomo e sim como um que deriva de opiniões e ideologias diversas, divergentes ou não” (PECEQUILO, 2012, p. 57).

O jornalismo reporta a notícia para o público e baseado nisso a opinião pública é formada, especialmente nas democracias. Com o avanço da tecnologia a disseminação da notícia não é mais um processo linear e seus recipientes podem inclusive responder por meio de comentários. Ademais, “embora os valores-notícia façam parte da cultura jornalística e sejam compartilhados, por todos os membros desta comunidade interpretativa, a política editorial da empresa jornalística pode influenciar diretamente o processo de seleção dos acontecimentos por diversas formas” (TRAQUINA, 2008, p. 93). Ao mesmo tempo que o jornalismo é um dos grandes pilares da democracia, como instituição privada pode servir interesses políticos específicos e utilizar-se das “distorções sistemáticas” das notícias para projetar sua visão de mundo e, dessa maneira, corromper os princípios de noticiabilidade e da ética jornalística.

Hoje temos como a principal fonte de notícias a internet e os telefones celulares, principalmente para as novas gerações. A propagação do jornalismo digital liderou mudanças organizacionais muito significativas, mudanças naqueles que criam ‘notícias’ sobre política externa, e mudanças no consumo de informações, o que inclui o desafio de selecionar o que se lê. Todos esses novos desenvolvimentos tiveram um impacto sobre as ações diplomáticas tornando possível a observação minuciosa dessas ações pelo público. Além disso, é utilizado como uma ferramenta poderosíssima para a comunicação institucional, ou seja, para posicionamentos e discursos de líderes populistas e negacionistas como os presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump.

A comunicação institucional implica na gestão de uma comunicação ampla, transparente e capaz de ouvir todas as partes. O governo utilizou-se do Itamaraty e prejudicou o processo diplomático, principalmente durante o período do Ernesto Araújo, e criou um campo de tensão evidente por meio discursos ideológicos. Desta forma, a política governamental raptou do Itamaraty a democratização do debate, inserindo os arroubos e declarações vulgares do presidente da República e do chanceler Araújo, o que causou uma disrupção interna e externa.

Para complementar o estudo e chegar no problema da pesquisa o artigo visa responder à pergunta: qual a importância da comunicação institucional para o fortalecimento da diplomacia brasileira no contexto global? Para isso, será feita a análise histórica da ocorrência dos seguintes fatos: período de viagens e aproximação do presidente Jair Bolsonaro à Casa Branca de Trump (2019), o negacionismo de Bolsonaro e Trump frente à situação da pandemia (2020), a super onda do Coronavírus no Brasil e o dilema da vacina (2021), e a reunião de Bolsonaro com os representantes diplomatas a respeito das eleições (2022). O objetivo deste trabalho é investigar como a mídia reportou os discursos de Jair Bolsonaro durante quatro eventos específicos de seu mandato e os impactos dessas declarações na tradição diplomática brasileira. Com a finalidade de desenvolver o tema proposto e alcançar os objetivos desta pesquisa, o projeto será embasado, inicialmente, por meio de revisão bibliográfica e documental, buscando em livros, artigos científicos, teses de doutorado, revistas científicas e jornais digitais os temas sobre jornalismo e diplomacia.

Esta pesquisa foi alicerçada em dois periódicos: o jornal *Folha de S.Paulo* (Folha) e *The New York Times* (NYT). A escolha desses periódicos está baseada na relevância e representatividade de cada veículo em seu país. O primeiro possui o jornal de maior circulação do Brasil, com 366.089 exemplares (incluindo digital e impressa), segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), em 2021. O segundo ultrapassou 7,6 milhões de assinaturas para seus produtos digitais e jornais impressos, conforme o relatório anual de 2021 do The New York Times Company.

2 | DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

A comunicação institucional, não só assegura o relacionamento entre governos e sociedades, como tem a capacidade de direcionar o engajamento das relações diplomáticas. Enquanto a mídia, por meio da interpretação dos fatos, busca transmitir a notícia como reflexo da realidade. Portanto, estudar o conteúdo midiático de maneira sistemática surge para entender os seus possíveis efeitos na comunicação de massa, intencionais ou não, dentro do espectro de objetivos para cobrir notícia, informação e conteúdo de entretenimento (MCQUAIL 2003, p. 308). Desse modo, espera-se que a mídia cumpra seu papel de garantir a democracia, por meio do jornalismo interessado em cumprir sua função de servir como ponte na transmissão da comunicação institucional tanto no âmbito interno

do país, quanto externo.

Considerando a volatilidade dos processos de transmissão de informação da atualidade, que com a internet se tornaram instantâneos, os materiais produzidos internamente dentro de um país passam a ser consumidos externamente, possibilitando uma propagação ainda maior da notícia. Ainda que não tenha poder para influenciar determinadas decisões políticas internas ou externas, é inegável a presença marcante da mídia como veículo propagador dentro da população civil e dos poderes executivo, legislativo e judiciário, mesmo que em se tratando de governos, não se submetam à opinião expressa pela mídia (AMARAL, 2011, p. 45). Assim, a comunicação institucional tem um efeito direto na política externa, uma vez que os acontecimentos dentro de uma nação impactam diretamente em suas relações internacionais.

As mensagens mais interessantes transmitidas por meio dos conteúdos da mídia são as que, mesmo presentes no texto, permanecem incumbidas, ou seja, não são explícitas. Por isso, a utilização de certos objetivos se torna guia imprescindível na análise dos conteúdos midiáticos como: descrever e comparar a produção midiática, comparar as mídias com a realidade social, o conteúdos midiáticos como reflexo dos valores e crenças sociais e culturais, as funções e efeitos da mídia, avaliar o desempenho das mídias, avaliar tendências organizacionais, questões de gênero midiáticos, análise textual e do discurso, análise da narrativa e outros formatos (MACQUAIL 2003, p. 309-310).

Assim, não é condizente relacionar a mídia, a opinião pública e a diplomacia como organismos separados, já que a tríade funciona como um sistema que opera e atua no condicionamento do Estado:

[...] numa democracia, os *mídias* tem um papel significativo na conformação da agenda de opinião pública e opera no tempo *online* dos eventos, distinto do tempo mais lento dos processos que usualmente caracterizam a ação diplomática. Os meios de comunicação, por isso, dispõem de um poder de emissão de notícias e de influência que tem um significativo papel no modo pelo qual a sociedade percebe a realidade dos problemas internacionais. A percepção da realidade integra a realidade política e, assim sendo, é um dado com o qual o ministro das Relações Exteriores necessariamente precisa lidar, pois a condução da política externa numa democracia não pode ignorar os ventos da opinião pública” (LAFER, 2018, p. 61).

O conceito de Estado fundamenta-se em três aspectos materiais: território, população e governo, os quais são definidos por alguns autores como a ideia da totalidade nacional territorial (PECEQUILO, 2012, p. 44). O primeiro é delimitado por fronteiras reconhecidas por outros Estados, possuindo dentro de sua unidade política total soberania e autonomia. O segundo são os habitantes de um determinado Estado que, em torno de uma identidade comum promovem sua unidade política, cultural, nacional e linguística. Por fim, o terceiro são as autoridades centralizadas que organizam o comando político e desenvolvem a administração pública.

A globalização é um marco importante na formação das redes de comunicação global

entre os Estados e envolve fatores como avanços tecnológicos, integração de mercados e velocidade de transmissão de informação, a Internet. O processo de globalização da mídia é equiparado a aspectos organizacionais e sociais que inclui “a associação de empresas privadas a grandes conglomerados de comunicação”, “às exportações e importações da produção de bens midiáticos”, “às novas tecnologias que possibilitaram uma fusão ainda maior das notícias”, ou seja, o mercado global permite que a produção interna de um país circule também em outros países, o que remete a uma nova ordem sociocultural, a “cultura de massa”, voltada para o indivíduo e não para uma classe específica (AMARAL, 2011, p. 14- 15). Desse modo, o jornalismo internacional é facilitado e agilizado, podendo participar ativamente da experiência, que é a realidade como uma autoridade social, e atuar como vigilante de eventos mundiais.

As análises realizadas neste artigo parte de textos jornalísticos de dois veículos da grande mídia, e, por isso, o conceito de objetividade e subjetividade jornalística frente ao discurso é imprescindível. A objetividade se situa no campo do conhecimento da observação e do pensamento, e “tem a ver com a relação que se estabelece entre o sujeito observador e o objeto observável (a realidade externa ao sujeito ou externalizada por ele), no momento do conhecimento” (ABRAMO, 2016, p. 55). A subjetividade é o oposto da objetividade, por isso, pode ser entendida como uma construção simbólica de sentidos sobre si mesmo e o mundo. No entanto, ambas coexistem e “nunca se é inteiramente subjetivo nem totalmente objetivo, na relação de apreensão e conhecimento do real” (ABRAMO, 2016, p. 55).

A partir de agora estão as análises correspondentes ao objetivo deste trabalho. À direita está o periódico Folha, à esquerda o NYT. Todas as figuras apresentadas são capturas de tela dos jornais digitais das reportagens analisadas. Em suas diagramações é possível perceber de início a diferença de apresentação do conteúdo: a Folha não possui imagem abaixo do título, o NYT sim. As primeiras reportagens mostradas na Figura 1 representam o primeiro eixo de análise e indicam a quebra da diplomacia brasileira, pautada pela suposta indicação do filho de Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, a representar o Brasil na embaixada norte americana.



Figura 1. Reportagens do Eixo de Análise 1.

Periódicos: Folha de S.Paulo/The New York Times (Ano 2019).

Os títulos, apesar de similares, possuem uma diferença relevante na escrita como demonstrado na Figura 1. O NYT indica que o filho de Bolsonaro é “amigo dos Trumps”, o que pode induzir o leitor a entender interesses pessoais já que, naquele momento, há uma discussão em torno da aliança entre os dois presidentes. A imagem utilizada pelo mesmo jornal, de Eduardo Bolsonaro “*smirking*”, ou seja, com um sorriso misterioso e intrigante, além do seu olhar “disfarçado”, direcionado para o lado e com certa condescendência, o que representa, a meu ver, a figura de alguém a qual não se pode confiar, cheia de segredos e, até mesmo, uma certa malícia.

Título da Reportagem	Bolsonaro decide indicar seu filho Eduardo como embaixador nos EUA	Brazil's President May Appoint Son, friend to the Trumps, as Ambassador to U.S. ¹
Data de Veiculação	11/7/2019	12/7/2019
Uso de Linguagem Visual	Foto de Jair Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro. Carrossel de 15 imagens de Bolsonaro em viagem aos EUA. Carrossel de 11 imagens de Eduardo Bolsonaro em vários momentos de sua vida. Foto de Eduardo com o boné da campanha de Trump.	Foto de Eduardo Bolsonaro com um leve sorriso, abaixo do título da reportagem.
Levantamento de Dados	Hyperlinks (4). Links de compartilhamento para mídias sociais. Contém comentários para opinião pública (306).	Hyperlinks (5). Links de compartilhamento para mídias sociais. Não contém comentários para opinião pública. Link para presentear artigo.
Impactos Diplomáticos	O jornal pontua que “Eduardo não tem formação internacional específica” para indicar o seu despreparo para o cargo de embaixador. “No Itamaraty, desafetos do ministro chamam Eduardo de “chanceler sombra” por fazer ligação direta entre Araújo e o pai presidente”, a expressão “chanceler sombra” indica sua influência sobre o titular do ministério Ernesto Araújo, o que coloca a diplomacia brasileira num lugar político e ideológico. Fala de Eduardo Bolsonaro “Qualquer que venha a ser o embaixador do Brasil nos EUA tem que ser uma pessoa amiga dos EUA. Não pode ser uma pessoa que virou as costas ou que tenha no currículo algum ato de hostilidade aos EUA. Ou proximidade com a Venezuela, por exemplo”, ao utilizar as falas diretas de Eduardo o jornal comprova o nacionalismo e o despotismo político na conjuntura diplomática.	O jornal traz fontes de referências brasileiras preocupadas com a possível indicação de Eduardo para o cargo de embaixador: “Brazilian legal experts said appointing Eduardo Bolsonaro as ambassador could run afoul of nepotism rules”. O jornal relata a fidelidade de Eduardo sobre os ideais de Trump ao escrever sua fala em suporte a construção do muro entre EUA e México com: “So build that wall! We Brazilians are supporting you!” O NYT traz a participação do professor universitário Mauricio Santoro que explica o porquê Eduardo não compete ao cargo de embaixador, tendo como principais motivos a sua falta de experiência e o apoio a Trump: “Eduardo Bolsonaro lacked the experience for such a complex job.” E: “Eduardo Bolsonaro’s effusive support for Mr. Trump would make him ineffective at dealing with Democrats in Washington, particularly if they win back the White House next year.”

1 O Presidente do Brasil deve apontar o filho, amigo dos Trumps, como Embaixador dos EUA (Tradução da autora).

**Direciona-
mento para
Solução**

A Folha utiliza a linha do tempo de nomeações dos líderes das relações externas brasileiras, por meio de uma lista intitulada “Embaixadores em Washington desde a redemocratização”, pontuando todos os diplomatas brasileiros que residiram nos EUA. É demonstrado o presidente, o embaixador e o ano de mandato e, de maneira implícita entende-se que o chanceler tem uma responsabilidade muito além de seu gabinete. Não há vínculos familiares entre um cargo e outro em nenhum dos mandatos. Embora o presidente possa nomear para o cargo de embaixador pessoas de sua confiança que não sejam membros da carreira diplomática.

O jornal destaca o processo competitivo que faz a diplomacia brasileira ser uma das mais respeitadas do mundo: “Diplomats are selected through a highly competitive process that has made Brazil’s foreign service one of the most respected in the world.” Além disso, a fala de Santoro afirmando que o Brasil nunca teve um presidente que nomeou o filho para ser embaixador, o que distingue a diplomacia brasileira dos outros países Latino-Americanos: “We’ve never had a president who named a son as ambassador,” e “That is something that sets Brazil apart from other countries in Latin America.” A matéria também aponta que “Unlike several countries in the region, Brazil has built a professional foreign service in which top posts are not used to reward campaign donors and political allies.”, o que conclui que o Brasil construiu sua política externa com a reputação de não utilizar cargos de liderança para recompensar doadores de campanha e aliados políticos.

Tabela 1. Reportagens do Eixo de Análise 1.

Fonte: Desenvolvimento próprio (2022).

Há muitas similaridades na análise realizada na Tabela 1, especialmente no que diz respeito aos impactos diplomáticos das ações de Bolsonaro. Por mais que o discurso apresentado seja contextualizado em diferentes aspectos, ambos demonstram que há uma transgressão do sistema das relações internacionais do Estado brasileiro.

Não obstante, é importante considerar que o discurso possui formas de subjetivação e, por tanto, permanece variável:

“Na era do e-mail e da mobilidade dos pesquisadores, os recortes geográficos e intelectuais tradicionais devem transigir com redes de afinidades científicas que desconhecem fronteiras e que modificam profundamente as linhas de partilha epistemológica. Em análise do discurso, como em outros domínios, a transformação dos modos de comunicação modificou em profundidade as condições de exercício da pesquisa” (MAINGUENEAU, 2007, p. 15).



Figura 2. Reportagens do Eixo de Análise 2.
 Periódicos: Folha de S.Paulo/The New York Times (Ano 2020).

A Figura 2 apresenta as reportagens do segundo eixo de análise e traz uma imagem impactante publicada pelo NYT de ativistas durante um protesto na praia de Copacabana. Desde o enquadramento da imagem, de cima para baixo, que traz a sensação de amplitude para o espaço, até a areia escura perfurada com muitas covas abertas, sinalizadas por cruzeiros, onde pessoas vestidas com trajes de proteção escavam com pás o local, causam impacto para simbolizar as vítimas da Covid-19. Ambos os jornais exploram no título o negacionismo do presidente Jair Bolsonaro. No NYT há um paradoxo: Enquanto a pandemia aumenta o presidente brasileiro abraça a “cura” não comprovada”. Já a Folha, indica a falta de caráter do presidente ao utilizar um erro cometido pela Organização Mundial da Saúde para o seu próprio benefício, no caso, impedir a quarentena.

Título da Reportagem	Bolsonaro explora mal-entendido da OMS para defender flexibilização da quarentena	Brazil Presidente Embraces Unproven "Cure" as Pandemic Surges
Data de Veiculação	9/6/2020	13/6/2020
Uso de Linguagem Visual	Carrossel de 4 imagens de Jair Bolsonaro inaugurando seu primeiro hospital de campanha.	Foto de Sepulturas simbólicas na praia de Copacabana, cavadas por ativistas em protesto contra o tratamento da pandemia de Covid-19 por parte do governo, abaixo do título da reportagem. Foto do presidente Jair Bolsonaro. Foto de protesto contra Bolsonaro. Foto do presidente Trump. Foto do microbiologista francês Didier Raoult. Foto de consumidores em fila para entrar numa loja na pandemia em São Paulo.
Levantamento de Dados	Hyperlinks (3). Links de compartilhamento para mídias sociais. Contém comentários para opinião pública (60).	Hyperlinks (22). Links de compartilhamento para mídias sociais. Não contém comentários para opinião pública. Link para apresentar artigo.
Impactos Diplomáticos	No lead a Folha faz menção ao negacionismo de Jair Bolsonaro frente a crise de saúde pública "Jair Bolsonaro defendeu nesta terça-feira (9) uma flexibilização do isolamento social e a volta à normalidade mesmo após o país ter se tornado o terceiro no ranking de mortes provocadas pelo novo coronavírus." O periódico destaca a fala de Bolsonaro criticando não somente a mídia, mas a Organização Mundial da Saúde (OMS): "Esse pânico que foi pregado lá atrás por parte da grande mídia começa talvez a se dissipar levando em conta o que a OMS falou por parte do contágio dos assintomáticos". O jornal pontua a crença do presidente no uso da cloroquina na fala: "Muitos países usando a cloroquina e vidas estão sendo salvas com esse comprimido, mesmo sabendo que a sua eficácia ainda não está comprovada." A Folha relata a crítica do então Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo à OMS, a qual ele acusou sobre falta de "transparência, independência e coerência nos posicionamentos e orientações do órgão de saúde." E ainda: "O ministro ressaltou que a OMS não tem sido clara, por exemplo, nos dados sobre a origem do vírus e contágio por humanos", destacada pelos dizeres do próprio Ministro: "Esse é um problema sistêmico, não é um problema acidental.	O NYT destaca a rejeição de Bolsonaro à ciência: "Mr. Bolsonaro's rejection of the emerging scientific consensus on how to fight the pandemic", assim como a sua promoção para o uso dos remédios não comprovados como a cloroquina. No caso de uma pandemia, enquanto um sistema de saúde está colapsado todos os outros correm o risco. O NYT entrevista Denise Garrett, a epidemiologista testifica que as medidas de Bolsonaro estavam fora da rota das demais países: "Bolsonaro invested a huge amount of money into an action that has not been proven to be effective at the expense of increasing testing and contact tracing", ou seja, o presidente investiu na incerteza da cloroquina ao invés de disponibilizar testes Covid-19 para a população. O jornal relata a falta de transparência do governo em sua política interna, afetando sua integridade diplomática como reflexo das relações internas: "Earlier this week, Mr. Bolsonaro's administration stopped disclosing comprehensive coronavirus statistics, leaving Brazilians without an official tally showing the trajectory and scope of the outbreak." O jornal traz a fala da Ministra dos Direitos Humanos e pastora evangélica Damares Alves que chamou o medicamento de "milagre", mesmo não tendo sua eficácia comprovada. Além disso, o NYT informa sobre os interesses políticos de Bolsonaro ao escrever que, sob seu mandato, as decisões sobre protocolos médicos e científicos se tornaram medidas de lealdade política, e, ainda, a fala de Garret expressando a polarização entre os voluntários: "Either volunteers won't want to be part of it because they are contaminated by the political debate or the ones who will be part of it may be doing it driven by political ideology."

	<p>O porquê temos de examinar se é uma questão de influência política, influência de atores não estatais ou métodos de transparência.” O jornal informa também sobre o atraso da contenção da doença no Brasil em relação a outros países e a luta dos governadores nos estados para o controle do vírus: “Diferentemente dos demais países com grande número de casos, o Brasil ainda não começou a achatar a curva de disseminação da doença. Com a flexibilização de medidas de isolamento social, o que vem sendo adotado por boa parte dos governadores, é possível que o índice de contaminação cresça”, o que exemplifica a polarização interna do país na crise.</p>
<p>Direcionamento para Solução</p>	<p>Ao descrever que “O Brasil, no entanto, realiza poucos testes para a doença em comparação a outros países”, a Folha indica, de maneira indireta, que uma das soluções para a contenção do vírus é, justamente, o que falta ao país: testes de Covid-19 para a população. Mais uma vez, de maneira implícita, o jornal demonstra a importância do isolamento e do lockdown para evitar o alastramento do vírus ao escrever: “Modelos epidemiológicos e dados experimentais mostram que não é preciso estar com sintomas graves da doença para que seja possível transmitir facilmente o vírus.” O jornal se une a concorrentes da grande mídia na busca pela transparência quando o governo para de divulgar os dados sobre a pandemia: “Os dados são fruto de uma colaboração inédita entre O Estado de S. Paulo, Extra, Folha, O Globo, G1 e UOL para reunir e informar números sobre o novo coronavírus. As informações são coletadas com as Secretarias de Saúde, e o balanço é fechado às 20h de cada dia.”</p> <p>O NYT descreve a importância do estudo contínuo para descobrir tratamento eficaz para a doença na frase: “Studies into the drug’s uses continue. Earlier this month, the first carefully controlled trial of hydroxychloroquine found the drug does not prevent the disease in people who have been exposed to a sick patient.”</p> <p>A crítica do democrata nova-iorquino que preside o Comitê de Relações Exteriores da Câmara Eliot Engel, num post do Twitter, que chamou os presidentes Trump e Bolsonaro de “irresponsáveis” ao colocarem a política sobre a ciência, demonstrou o populismo e o negacionismo de ambos os presidentes e a importância da ciência no controle da pandemia. O jornal registra também a ação da Suprema Corte brasileira que ordenou o ministério a divulgar as estatísticas abrangentes sobre o coronavírus.</p>

Tabela 2. Reportagens do Eixo de Análise 2.

Fonte: Desenvolvimento próprio (2022).

A relação com a China teve episódios marcantes nas relações internacionais do Brasil durante o governo de Bolsonaro. No primeiro momento da pandemia, com a publicação do chanceler Ernesto Araújo em seu blog, o Brasil desonra as tradições diplomáticas construídas ao longo da Nova República por meio dos discursos xenofóbicos do ex-ministro à China. Em ambas as Tabelas 2 e 3 há enfoque no radicalismo comportamental de Araújo, demonstrando o desafio diplomático do Estado no que diz respeito às suas relações externas. É interessante observar que:

“A chegada de Bolsonaro ao poder coincide com o acirramento da competição geopolítica entre Estados Unidos e China, o enfraquecimento progressivo de instituições internacionais como a ONU e a União Europeia, e o ressurgimento do nacionalismo não cooperativo, quiçá a maior ameaça em uma geração ao ordenamento internacional estabelecido depois do fim da Guerra Fria” (SPEKTOR, 2018, p. 345).

Em 29 de março de 2021, Carlos França é anunciado como Ministro das Relações Exteriores pondo fim à era de Ernesto Araújo. O novo ministro possui um perfil mais equilibrado, porém é limitado pela situação política do Brasil, “para uma mudança significativa, seria necessário esperar a eleição de 2022. França faz o que é possível para reconstruir relações, mas não pode ir contra as políticas de governo. A curto prazo, houve uma atenuação. Ele claramente reduziu os excessos” (BARBOSA, 2021, n.p.).



Figura 3. Reportagens do Eixo de Análise 3.

Periódicos: Folha de S.Paulo/The New York Times (Ano 2021).

Há uma rede de intrigas relatada por ambos os periódicos, embora pouco vocalizadas, na questão biotecnológica e sanitárias, o que pode integrar a memória de disputas geopolíticas de longo termo, revestindo, principalmente, a corrida pela vacina por questões de política internacional. E o que é possível perceber são veículos que constituem diferentes efeitos de leitura. No NYT, o leitor parece ser trazido a todo momento para a cena dos embates, é dado a ele a escuta de autoridades e pareceres de autoridades de Estado e da ciência. Este “convite à cena” não se dá tanto no veículo brasileiro. Há um distanciamento da cena política por parte do jornal e, por conseguinte, também há um distanciamento do leitor dessa cena. A ênfase é o negacionismo do presidente Jair Bolsonaro e as dificuldades

da gestão das relações internacionais.

FOLHA DE S. PAULO



The New York Times

Título da Reportagem	China ignora pedidos de Bolsonaro por troca de embaixador no Brasil	Brazil Needs Vaccines. China Is Benefiting.
Data de Veiculação	14/2/2021	15/3/2021
Uso de Linguagem Visual	Foto do embaixador da China no Brasil. Carrossel de 6 imagens de empresas de tecnologia e Trump e Bolsonaro em aperto de mãos. Carrossel de 11 imagens do ex Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo em diversos momentos de seu mandato.	Foto da CoronaVac sendo produzida no Brasil abaixo do título. Foto representando a empresa Huawei. Foto de Jair Bolsonaro. Foto de Keith Krach, ex- funcionário do Departamento de Estado para a política econômica em visita ao Brasil. Foto de pessoas recebendo a CoronaVac em drive-through em São Paulo. Foto de uma fila de pessoas à espera da vacina no Rio de Janeiro.
Levantamento de Dados	Hyperlinks (4). Links de compartilhamento para mídias sociais. Contém comentários para opinião pública (213).	Hyperlinks (21). Links de compartilhamento para mídias sociais. Contém comentários de opinião pública desativado (240). Link para presentear artigo.
Impactos Diplomáticos	A Folha relata que “Convencido pelo chanceler Ernesto Araújo, o presidente Jair Bolsonaro pediu no ano passado ao regime chinês a troca de seu embaixador no Brasil, Yang Wanming”, mais de uma vez, o governo demonstra fraqueza do condicionamento diplomático em relação à China. O jornal aponta que houve “bate-bocas via redes sociais entre o diplomata e o deputado Eduardo Bolsonaro”. A matéria descreve algumas das falas xenofóbicas de Eduardo: “Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa. Mais uma vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas que salvaria inúmeras vidas”, responsabilizando a China pela disseminação do vírus. A Folha diz que “Eduardo acusou a China de promover a espionagem industrial via equipamentos 5G.” E continua: “Os pedidos formais de substituição de Yang foram secretos, mas uma carta enviada por Ernesto à embaixada da China em Brasília deu o tom da insatisfação do governo Bolsonaro com o diplomata chinês.” Em dado momento, o jornal relata que “As relações de Ernesto com Yang estão cortadas.	O NYT aponta o direcionamento de Trump contra a empresa chinesa Huawei e a cumplicidade do governo brasileiro no desacato à China: “Brazil, ready to build an ambitious 5G wireless network worth billions of dollars, openly took President Trump’s side, with the Brazilian president’s son — an influential member of Congress, himself — vowing in November to create a secure system “without Chinese espionage.” O Twitter de Jair Bolsonaro “The Brazilian people WON’T BE ANYONE’S GUINEA PIG,” o líder de direita intimamente alinhado com o Trump, que, no primeiro momento, desacreditou a vacina chinesa enquanto passava por testes clínicos no Brasil, encerrou um esforço do Ministério da Saúde para pedir 45 milhões de doses. O jornal escreve por meio da fala de Keith Krach, em visita ao Brasil, a relação conturbada entre China e EUA na questão da tecnologia 5G: “Não se pode confiar ao Partido Comunista Chinês nossos dados mais sensíveis e nossa propriedade intelectual”, ele se referiu a Huawei como “a espinha dorsal do estado de vigilância do PCC”. E descreve o suporte do Ministério das Relações Exteriores do Brasil que disse apoiar a proposta de uma “rede limpa” feita pelos EUA e a declaração de Eduardo Bolsonaro que disse em um tweet que o Brasil apoiaria o impulso de Washington.

As portas da divisão do Itamaraty responsável por Ásia e Pacífico também estão fechadas para ele, de acordo com pessoas próximas ao embaixador.” O texto descreve, principalmente, as dificuldades de Ernesto Araújo em manter relações com a China: “Ernesto não abriu mão da retórica anti-China que marcou sua administração”, “Ernesto pede que membros do corpo diplomático lhe enviem manifestações das autoridades da Austrália e do Japão contrárias a Pequim.” O periódico fala também da política interna do país e sobre o início da complicada situação da vacinação, denegrindo a imagem do país exteriormente.

Direcionamento para Solução

A Folha faz menção à intervenção de Jair Bolsonaro numa de suas lives onde ele pede “que Ernesto recompusesse as relações com o gigante asiático.” Além disso, o jornal escreve sobre a tentativa do governo de acalmar a relação Brasil-China: “Para contornar a falta de diálogo do Itamaraty com a embaixada chinesa, o presidente acatou sugestões de ministros que formaram uma espécie de “tríplice aliança” para tentar salvar a relação do Brasil com seu principal parceiro comercial. Fazem parte dos esforços os ministros Eduardo Pazuello (Saúde), Tereza Cristina (Agricultura) e Fábio Faria (Comunicações).” Com isso, entende-se o nível de disparidade diplomática de Araújo.

O jornal aponta a mudança de discurso na visita à Huawei, do Ministro Fabio Faria, à China aproveitando-se da oportunidade para pedir vacinas: “I took advantage of the trip to ask for vaccines, which is what everyone is clamoring for.” Com a saída de Trump e a avassaladora onda de Covid-19 a relação Brasil-China começa a tomar um rumo diferente, o jornal aponta “Mr. Bolsonaro’s government scrambled to mend fences with the Chinese and asked them to expedite tens of millions of vaccine shipments, as well as the ingredients to mass-produce the shots in Brazil.” O periódico explica que em função da compra de vacinas as críticas ao país oriental cessam: “The president, his son and the foreign minister abruptly stopped criticizing China, while cabinet officials with inroads to the Chinese, like Mr. Faria, worked furiously to get new vaccine shipments approved.” Já para a China, o NYT escreve sobre o interesse do país em conquistar o mercado da tecnologia 5G, e seus esforços são resumidos nas palavras da embaixada chinesa no Brasil numa mensagem no Twitter anunciando o envio de máquinas de oxigênio para Manaus: “May our joint efforts save lives!” O jornal relata também a declaração da Huawei que disse não fornecer vacinas diretamente, mas que a empresa poderia ajudar com a “comunicação de forma aberta e transparente em um tópico que envolvesse os dois governos”.

Tabela 3. Reportagens do Eixo de Análise 3.

Fonte: Desenvolvimento próprio (2022).

Entre as reportagens analisadas, apenas uma não faz menção a Jair Bolsonaro

no título: “Brazil needs vaccines. China is benefiting².” (Figura 3). Porém, há um sarcasmo subentendido: depois de tanta resistência à China, é a ela que o governo brasileiro recorre para auxílio com as vacinas.

Nas reportagens da Folha, observou-se ênfase nos impactos diplomáticos, no direcionamento para solução, no uso de linguagem visual, nalguns levantamentos de dados, pouca escuta de autoridades locais, referência à política interna e externa. Alguns problemas aparecem no periódico brasileiro, como é o caso de informações vagas, demonstrado, por exemplo, na linha fina da Figura 2: “Epidemiologista da OMS disse que transmissão por assintomáticos é rara, mas estudos contestam a fala”. Nas reportagens do NYT, observou-se ênfase nos impactos diplomáticos, no direcionamento para solução, no uso de linguagem visual, nalguns levantamentos de dados, na escuta de autoridades locais, nalguma referência à política interna e externa, na abordagem de informação mais precisa como demonstrado na linha fina da Figura 4: “President Jair Bolsonaro elevated his vote-fraud claims from a matter of domestic politics to foreign policy, heightening international fears that he would dispute the coming election”³.



Figura 4. Reportagens do Eixo de Análise 4.

Periódicos: Folha de S.Paulo/The New York Times (Ano 2022).

Além disso, existe uma similaridade de comportamento dentro desses eventos que é a ausência de equilíbrio diplomático, um processo que tenta criar canais de desavenças, de

2 “O Brasil precisa de vacinas. A China está se beneficiando.” (Tradução da autora).

3 “O Presidente Jair Bolsonaro destacou suas reivindicações sobre fraude eleitoral como uma questão de política interna para a política externa, aumentando os receios internacionais de que ele disputaria as próximas eleições” (Tradução da autora).

difusões, confusões, quase como uma lógica de uma cortina de fumaça para poder dessoar a mídia, que acaba sendo uma das responsáveis pelo surgimento dessa era de sobrecarga de informações, desfocando de outros assuntos mais importantes como indicadores de corrupção ou denúncias. Para isso:

“Analisar as perspectivas de interação entre os campos do jornalismo e das relações internacionais ampara-se numa intenção de desautomatização, isto é, da percepção dos papéis que estas estruturas desempenham na organização social. Decisivamente, em vista do desempenho de suas funções, tanto o jornalismo quanto as organizações estatais não são abertas a questionamento: abraçar a ideia de constatação do real por parte da instância jornalística é muito próximo da consideração dos Estados como figuras existentes além da consciência humana” (BOMFIM, 2012, p. 35).

Ao analisar o discurso do presidente Bolsonaro com os diplomatas em Brasília, conforme demonstrado na Tabela 4, nota-se, em ambos os periódicos:

[...] os quatro principais indicadores de comportamento autoritário: 1. Rejeição das regras democráticas do jogo (ou compromisso débil com elas); 2. Negação da legitimidade dos oponentes políticos; 3. Tolerância ou encorajamento à violência; e 4. Propensão a restringir as liberdades civis de oponentes, inclusive a mídia” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 33-34).

Essas parecenças e dessemelhanças identificadas sob o viés discursivo indica a importância do recurso das análises comparadas, quando se trata de crises globais, e assuntos envolvendo comunicação, saúde global e relações internacionais.

	FOLHA DE S.PAULO ★ ★ ★	The New York Times
Título da Reportagem	Bolsonaro consolida enfraquecimento do Itamaraty com mentiras a embaixadores	Bolsonaro Gathers Foreign Diplomats to Cast Doubt on Brazil's Election
Data de Veiculação	23/7/2022	19/7/2022
Uso de Linguagem Visual	Foto do chanceler Carlos França. Carrossel de 14 imagens de Bolsonaro com legendas de suas falas contra urnas eletrônicas e ameaças às eleições e ao TSE. Carrossel de 12 imagens de Bolsonaro com legendas de suas declarações em tom golpista.	Foto de Jair Bolsonaro na sua apresentação para os embaixadores. Foto de protesto contra Bolsonaro no Rio de Janeiro. Foto de Bolsonaro com seus apoiadores em Minas Gerais.
Levantamento de Dados	Hyperlinks (19). Links de compartilhamento para mídias sociais. Contém comentários para opinião pública (78).	Hyperlinks (8). Links de compartilhamento para mídias sociais. Não contém comentários para opinião pública. Link para presentear artigo.
Impactos Diplomáticos	A Folha destaca a apresentação de Bolsonaro aos embaixadores como um dos aspectos do enfraquecimento do Itamaraty: “As teorias conspiratórias	Para o NYT Bolsonaro reuniu os diplomatas, em Brasília, como estratégia e seguindo o modelo do ex-presidente populista americano Donald Trump: “And

sobre urnas eletrônicas e os ataques contra o sistema eleitoral brasileiro, feitos pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) a uma plateia de embaixadores estrangeiros, consolidaram o enfraquecimento do Itamaraty a poucos meses das eleições.” O jornal ressalta a descrição de diplomatas que participaram do evento como “vergonhoso e danoso aos interesses nacionais” e a tentativa frustrada do atual chanceler Carlos França de recuperar a imagem do Itamaraty “depois do período carregado de tintas ideológicas de Ernesto Araújo.” A Folha pautava a desconexão entre o Itamaraty e o presidente por meio de relatos dos diplomatas que disseram que “o ministério foi fatalmente vinculado ao caso por ser o órgão responsável por aconselhar a Presidência da República sobre assuntos de política externa.” O periódico descreve a situação dramática da diplomacia brasileira partindo também do ponto de vista da política interna quando “França esteve presente na Alvorada e acompanhou a exposição em que Bolsonaro reciclou mentiras e atacou o sistema eleitoral”, e “o diagnóstico geral é que a palestra internacionalizou uma crise que até o momento era doméstica e retratou o Brasil como uma espécie de republiquetista em que o próprio chefe do Executivo comanda uma ofensiva institucional contra o Judiciário.” O veículo aponta que para os diplomatas ouvidos, o ato foi direcionado para o público interno, em especial a militância bolsonarista mais radical. Outro aspecto sobre o enfraquecimento do Itamaraty é a PEC 34, “Proposta de emenda à Constituição em tramitação no Senado abre caminho para políticos virarem embaixadores sem perderem o mandato. O projeto é criticado por diplomatas, professores de relações internacionais e pesquisadores.” Tal emenda é vista como “um duro golpe na carreira diplomática,” e, segundo o periódico “França, até o último momento, teve uma atuação pública discreta contra o texto — o que também lhe gerou críticas entre colegas.” Além disso, a Folha destaca a ausência de representantes diplomáticos no Brasil como outro aspecto relevante do enfraquecimento da diplomacia brasileira: “China e EUA, por exemplo, são representadas por encarregados de negócios, e países do entorno regional, entre os quais Argentina e Chile, também estão sem embaixadores na capital federal.”

like Mr. Trump, Mr. Bolsonaro appeared to be discrediting the vote before it happens in a supposed effort to increase reliability and transparency.” O jornal relata que os diplomatas ficaram abalados ao ouvir de Bolsonaro um possível envolvimento dos militares “to ensure safe elections”, e que há uma preocupação caso ele perca: “Those diplomats worried that Mr. Bolsonaro was laying the groundwork for an attempt to dispute the ballot results if he lost.” O NYT conta que Bolsonaro desacredita na urna eletrônica: “Mr. Bolsonaro has publicly doubted the integrity of Brazil’s voting systems for years, even suggesting that there was fraud in the 2018 election that carried him to the presidency”, gerando tensões internas entre o governo e suas instituições. Na reportagem está escrito que o presidente diz ter provas de que as urnas eletrônicas brasileiras são fraudulentas, “such as videos that appear to show malfunctioning voting machines”, antecipando a invasão de hackers que, segundo ele: “had thrown the nation’s voting systems into doubt, but election officials have dismissed his concerns.” O jornal destaca Bolsonaro e suas alegações de que “Brazil’s federal police “said during the investigation that the hackers could change the name of candidates, take a vote from one candidate and send it to the other”, porém a agência eleitoral brasileira, liderada pela Suprema Corte, disse isso ser falso. O periódico descreve que “the agency said that the hackers, who had access to the agency’s systems during the October 2018 elections, could change information about candidates and parties for one municipal election that year, but that they did not change votes or interfere with the electronic voting machines, which are not connected to the internet”, subentendendo que a urna eletrônica não é um programa vulnerável que possa ser invadido por hackers.

O NYT descreve o momento de silêncio após a palestra de Bolsonaro que durou 47 minutos no palácio do Itamaraty: “At the end of Mr. Bolsonaro’s remarks on Monday, there was a brief silence as he stood before the audience. Some of the president’s assembled cabinet members quickly broke into applause. Many of the assorted diplomats then politely clapped, too.”

Direcionamento para Solução	<p>O jornal destaca a nota divulgada pela Associação dos Diplomatas Brasileiros (ABD) em prol da urna eletrônica: “Desde sua implantação, em 1996, o sistema brasileiro de votação eletrônica é objeto de reiteradas demandas de cooperação internacional de transferência de conhecimento e tecnologia. Ao longo desse tempo, a diplomacia brasileira testemunhou sempre elevados padrões de confiabilidade que se tornaram referência internacional indissociável da imagem do Brasil como uma das maiores e mais sólidas democracias do mundo”, afirma o comunicado da associação.” O jornal aponta a nota do Itamaraty que também se manifestou contra a PEC, sustentando que a natureza do cargo de embaixador “recomenda distanciamento da política partidária.” Ademais, a Folha afirma que “o país tem um déficit na representação das chefias de missões diplomáticas em Brasília”, indicando a necessidade de se manter diplomatas dentro do país para melhorar as relações externas.</p>	<p>O jornal aponta que as provas de Bolsonaro sobre as urnas não estarem funcionando, vem sendo desmascaradas por agências de verificação de fatos e autoridades eleitorais: “Many of those videos have been debunked by fact-checking agencies and election authorities.” O jornal afirma que, segundo a agência é liderada pela Suprema Corte e afirmou que: “hackers could not get access to the voting machines or change vote totals.” A agência publicou após a palestra, uma lista de 20 fatos sobre as reivindicações de Bolsonaro, enviando aos diplomatas. A matéria informa também a manifestação de outros países, afirmando que Funcionários dos Estados Unidos e da Europa, por exemplo, responderam ter fé nos sistemas eleitorais brasileiros. Há destaque para a fala do presidente Americano: “President Biden stressed the importance of respecting democratic institutions in his meeting with Mr. Bolsonaro in June.”</p>
------------------------------------	---	--

Tabela 4. Reportagens do Eixo de Análise 4.

Fonte: Desenvolvimento próprio (2022).

Porém, é interessante levar em consideração que, segundo Patrícia Campos Mello (2020), com o intuito de “ouvir os dois lados” e manter o equilíbrio a mídia se coloca muitas vezes num lugar de “falsa equivalência”. Isso significa que a mídia tradicional cria espaços para os seus próprios opositores se valerem dela. Por exemplo, no título da Folha: “Bolsonaro decide nomear seu filho Eduardo como embaixador nos EUA.” Não há exatidão nessa afirmação, o correto seria: “Bolsonaro decide nomear seu filho Eduardo como embaixador nos EUA. Até hoje nenhum presidente brasileiro nomeou um membro da família para um cargo diplomático. O Brasil é conhecido por sua exigência na eleição dos diplomatas.” Nesse tentar concordar e discordar com os políticos, ou seja, ao praticar a falsa equivalência, a imprensa prejudica ainda mais os jornalistas. A autora aponta outro erro relevante que pode ser cometido pela mídia que é noticiar os absurdos falados por presidentes populistas, como, por exemplo, as frases polêmicas de Trump e Bolsonaro. Um exemplo disso, é a fala de Jair Bolsonaro publicada pelo Twitter “The Brazilian people WON’T BE ANYONE’S GUINEA PIG”⁴ e republicada pelo NYT como demonstrado na Tabela 3. Ao publicar suas declarações mentirosas ou ofensivas, os jornalistas, por meio das mídias tradicionais, acabam legitimando e reverberando seus disparates e, assim, contribuem, mesmo que involuntariamente, para o marketing político de demagogos populistas e campanhas de manipulação da opinião pública.

4 “Os brasileiros não serão ratos de laboratório de ninguém” (Tradução da autora).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostra que há uma perda considerável para a diplomacia brasileira, principalmente a partir da gestão de Ernesto Araújo, quando ocorre uma mudança drástica na condução da política externa do Brasil. Nesse momento, deixa-se de lado os princípios de pacifismo, universalidade, e multilateralismo, e passa-se a direcionar a diplomacia para a relação bilateral com os Estados Unidos, utilizando-se de discursos agressivos, autoritários e xenofóbicos, como foi o caso das atitudes com a China. Posteriormente, há uma intervenção do governo de Jair Bolsonaro na tentativa de mudar a rota ou equilibrar diplomaticamente as relações internacionais. Para um país, perde-se muito quando um governo passa por um período, mesmo que curto, de entraves e desencontros nas vias diplomáticas. Mesmo com a demissão de Ernesto Araújo, as sequências de erros criaram situações complexas e delicadas que afetaram a credibilidade e a confiança no Brasil. Cicatrizes tais que precisarão ser suturadas às custas de muito empenho e, provavelmente, ao longo de muito tempo.

Entretanto, isso não acontece apenas no cenário internacional, visto que as relações diplomáticas têm raízes estruturadas na política interna, há uma quebra de valores democráticos vistos claramente durante a pandemia e mostrados pelas reportagens. O jornalismo participa ativamente da experiência de instituição do que se entende como realidade. Por isso, analisar as perspectivas da correlação entre o campo do jornalismo e das relações internacionais também é perceber o desempenho que estas estruturas têm dentro da organização social. Nestas análises foi possível observar a distinção entre informação e opinião, na tentativa de evitar a manipulação da realidade. O uso de falas diretas do presidente e de sua equipe, a produção imagética dentro do contexto da realidade, as fontes de referências utilizadas nas reportagens, são exemplos de um jornalismo como quarto poder, um jornalismo que é ativo como “um instrumento de reforma da sociedade, aliás o principal instrumento para obrigar o governo a efetuar as reformas sociais” (TRAQUINA, 2005, p. 49). Porém, ao mesmo tempo, as análises demonstram que há fraquezas de estruturas que facilitam que a instituição jornalística seja corrompida.

Em vista de manter seu desempenho em prol de suas funções é necessário que a mídia, com as constantes mudanças tecnológicas, tenha, por exemplo, uma regularização com códigos de conduta, visando a transparência e a obliteração da centralização da notícia. O fato de o ambiente global ter se tornado um ambiente mais hostil requer do governo ferramentas ainda mais eficientes quando o assunto é a diplomacia. As análises demonstram que a mídia reportou os líderes populistas Bolsonaro e Trump, como figuras transgressoras, com condutas erráticas e incoerentes que vão ao oposto da diplomacia tradicional. E que, portanto, a comunicação institucional, é uma peça-chave para o fortalecimento da diplomacia brasileira no contexto global. O fato de as análises corresponderem a um período de crise mundial torna o tema coerente tanto para o

jornalismo quanto para as relações internacionais. Assim, pode-se perceber a importância dos meios de comunicação para o conhecimento e a definição do que está acontecendo em outras nações, mesmo que haja uma influência entre um e outro por meio da produção da notícia.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. **Padrões de Manipulação na Grande Imprensa**. Fundação Perseu Abramo. 2016.
- AMARAL, Lilian de Andrade. **A Influência da Mídia na Política Externa dos Países**. Universidade de Brasília. Brasília. 2011.
- ARAÚJO, Ernesto. **Por um Reset Conservador-Liberal**. 2020. Disponível em <https://www.metapoliticabrasil.com/post/por-um-reset-conservador-liberal> . Acesso em 8 ago. 2022.
- BOMFIM, Ivam. **Construindo realidades**: uma perspectiva de interações entre Jornalismo e Relações Internacionais. Comunicação & Inovação, São Caetano do Sul, vol. 13, n. 25 (29- 36) jul-dez 2012.
- DALDEGAN, William; SOUSA, Ana Tereza L. M. de. **Soft power brasileiro**: uma análise da política externa em tempos pandêmicos. Conjuntura Global, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 212-230, 30 jun. 2021. Universidade Federal do Paraná.
- LAFER, Celso. **Relações Internacionais, Política Externa e Diplomacia Brasileira**. Pensamento e Ação. Volume I. Fundação Alexandre Gusmão. Brasília. 2018.
- LEVITSKI, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Tradução Renato Aguiar. 1ª edição. Rio de Janeiro. Zahar. 2018.
- MAINGUENEAU, Dominique. **A Análise do Discurso e suas Fronteiras**. Revista Matraca, rio de janeiro, v.14, n.20, p.13-p.37, jan./jun. 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gêneros do discurso e web**: existem os gêneros web? Revista da ABRALIN, v. 15, n. 3, 17 jan. 2016. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1274> . Acesso em: 22 jun. 2022.
- MCQUAIL, Denis. **Teoria da comunicação de massas**. Tradução de Carlos de Jesus. Revisão científica de Cristina Pontes. Edição Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2003.
- MELLO, Patrícia C. **A Máquina do Ódio**. Companhia das Letras. 2020
- OSBORN, Catherine. **Bolsonaro Made Brazil a Pandemic Pariah**. In: *Foreign Affairs*, July 7, 2020. Disponível em <https://www.foreignaffairs.com/articles/brazil/2020-07-07/bolsonaro-made-brazil-pandemic-pariah> . Acesso em 8 ago. 2022.
- PECEQUILO, Cristina S. **Introdução às Relações Internacionais**. Temas, Atores e Visões. Editora Vozes. 2012.
- SPEKTOR, Matias. **Democracia em risco 22 ensaios sobre o Brasil**. Capítulo Diplomacia da Ruptura. Companhia das Letras. 2019.

SOARES, Ingrid. **Após saída de Araújo e Salles Itamaraty tenta reconstruir pontes**. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/07/4936967-apos-saida-de-araujo-e-salles-itamaraty-tenta-reconstruir-pontes.html> . Acesso em 17 ago. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Volume I. Florianópolis. Editora Insular. 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Volume I. Florianópolis. Editora Insular. 2008.

Periódico Folha de S.Paulo

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/07/bolsonaro-diz-que-pode-indicar-seu-filho-eduardo-como-embaixador-nos-eua.shtml> Acesso em: 17 jun. 2022.

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/bolsonaro-explora-dado-nao-conclusivo-das-oms-para-defender-flexibilizacao-da-quarentena.shtml> Acesso em: 18 jun. 2022.

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/acuado-bolsonaro-muda-discurso-da-vacina-mas-insiste-em-conflitos-para-inflamar-base.shtml> Acesso em: 19 jun. 2022.

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/07/bolsonaro-consolida-enfraquecimento-do-itamaraty-com-mentiras-a-embaixadores.shtml> Acesso em: 19 jun. 2022.

Periódico The New York Times

<https://www.nytimes.com/2019/07/12/world/americas/jair-bolsonaro-son-ambassador.html> Acesso em: 17 jun. 2022.

<https://www.nytimes.com/2020/06/13/world/americas/virus-brazil-bolsonaro-chloroquine.html?searchResultPosition=1> Acesso em: 18 jun. 2022.

<https://www.nytimes.com/2021/03/15/world/americas/brazil-vaccine-china.html?searchResultPosition=5> Acesso em: 19 jun. 2022.

<https://www.nytimes.com/2022/07/19/world/americas/brazil-bolsonaro-election-fraud-claim.html?searchResultPosition=1> Acesso em: 19 jun. 2022.